



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE EDUCAÇÃO E SAÚDE – CES
ESPECIALIZAÇÃO EM EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS COM
ÊNFASE EM ECONOMIA
SOLIDÁRIA NO SEMIÁRIDO PARAIBANO

MILENA BURITI DANTAS

**ECONOMIA SOLIDÁRIA, DESENVOLVIMENTO LOCAL E
PISCICULTURA: O CASO DA COOPERATIVA
AGROPECUÁRIA CACHO DE OURO (COOPERCACHO)
JAÇANÃ, RN**

Cuité – PB

2017

UFPG/BIBLIOTECA

MILENA BURITI DANTAS

**ECONOMIA SOLIDÁRIA, DESENVOLVIMENTO LOCAL E
PISCICULTURA: O CASO DA COOPERATIVA
AGROPECUÁRIA CACHO DE OURO (COOPERCACHO)
JAÇANÃ, RN**

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Educação de Jovens e Adultos com Ênfase em Economia Solidária no Semiárido Paraibano, como pré-requisitos para a obtenção do título de Especialista.

Orientadora: Prof^ª Dr. Marisa de Oliveira Apolinário

Cuité – PB

2017

UFMG/BIBLIOTECA



Biblioteca Setorial do CES.

Julho de 2021.

Cuité - PB

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA NA FONTE
Responsabilidade Jesiel Ferreira Gomes – CRB 15 – 256

D192e Dantas, Milena Buriti.

Economia solidária, desenvolvimento local e piscicultura: o caso da cooperativa agropecuária cacho de ouro (coopercacho) Jaçanã, RN. / Milena Buriti Dantas. – Cuité: CES, 2017.

48 fl.

Monografia (Especialização em educação de jovens e adultos com ênfase em economia solidária no semiárido paraibano) – Centro de Educação e Saúde / UFCEG, 2017.

Orientadora: Dra. Marisa de Oliveira Apolinário.

1. Economia solidária. 2. Educação popular. 3. Piscicultura.
I. Título.

Biblioteca do CES - UFCEG

CDU 330.873

MILENA BURITI DANTAS

**ECONOMIA SOLIDÁRIA, DESENVOLVIMENTO LOCAL E
PISCICULTURA: O CASO DA COOPERATIVA
AGROPECUÁRIA CACHO DE OURO (COOPERCACHO)
JAÇANÃ, RN**

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Educação de Jovens e Adultos com Ênfase em Economia Solidária no Semiárido Paraibano, como pré-requisitos para a obtenção do título de Especialista.

BANCA EXAMINADORA

Prof^ªDr^ª Marisa de Oliveira Apolinário – Orientadora


Prof^ªDr^ª Michelle Gomes dos Santos

Prof^ªDr^ª Cláudia Patrícia Fernandes Santos

Cuité – PB,
2017

UFCEG/BIBLIOTECA

Dedico à minha família, meu porto seguro.

UFMG/BIBLIOTECA

AGRADECIMENTOS

A Deus pela constante proteção e providência na minha vida.

A Universidade Federal de Campina Grande, através do Centro de Educação e Saúde – CES, campus Cuité, por me acolher novamente enquanto aluna.

Ao corpo docente do curso de Especialização em Educação de Jovens e Adultos com ênfase em Economia Solidária (EJA/ECOSOL), no campus de Cuité. Em especial à coordenadora do curso Dr^a Cláudia Patrícia Fernandes Santos pela dedicação.

À Prof^a. Dr^a. Marisa de Oliveira Apolinário por acreditar no meu potencial e sempre me incentivar a me dedicar aos estudos.

A minha família, pela confiança e motivação.

Aos produtores entrevistados, pela concessão de informações valiosas para a realização deste estudo.

Aos amigos e colegas, pela força e pela vibração em relação a esta jornada.

Aos professores e colegas de Curso, pois juntos trilhamos uma etapa importante de nossas vidas.

Aos membros da banca avaliadora, que gentilmente se dispuseram a examinar este trabalho, Prof^a Dr^a Michelle Gomes dos Santos e Prof^a Dr^a Cláudia Patrícia Fernandes Santos.

A todos vocês, meus sinceros agradecimentos.

“Fé no homem, fé na vida, fé no que virá. Nós podemos tudo, nós podemos mais. Vamos lá fazer o que será” (Gonzaguinha).

RESUMO

A economia capitalista baseia-se na concentração de renda, no lucro e interesse das grandes corporações e, portanto, tem deixado indivíduos à margem do mercado de trabalho formal. A Economia Solidária tem se apresentado como uma alternativa à essa realidade, uma forma diferenciada de trabalho, um jeito de tentar suprir as necessidades desses sujeitos. Os empreendimentos econômicos solidários (EES) são bastante diversificados e desenvolvidos por distintas organizações: associações, cooperativas e grupos informais. Além disso, podem ser apoiados por diversas instituições como ONGs e órgãos públicos. Uma das instituições que se destacam nessa ação são as Incubadoras Universitárias de Empreendimentos Solidários, que realizam assessoramento sistemático aos EES. Portanto, o intuito desse trabalho foi realizar um diagnóstico de um grupo de piscicultores vinculados à Cooperativa Agropecuária Cacho de Ouro (COOPERCACHO) em Jaçanã, RN, o qual consiste no levantamento de informações socioeconômicas dos piscicultores, citação das principais fontes de informação que os produtores têm acesso e descrição de características referentes à participação dos sujeitos no grupo, quanto ao trabalho coletivo e cooperação, confiança e solidariedade, bem como inclusão social. Os dados desse trabalho consistem em parte das atividades de incubação realizadas pela Incubadora Universitária de Economia Solidária (INCOSOL) da UFCG, *campus* Cuité. Os critérios de amostragem foi pelo método de conveniência. Foram selecionados cinco (5) produtores rurais vinculados a COOPERCACHO que já realizavam ou que estavam planejando realizar a atividade de piscicultura. Através das rodas de conversa e visitas foi possível estabelecer a aproximação junto ao grupo, formar e fortalecer vínculos, além de (re) conhecer a realidade local. Todos eles são do sexo masculino e possuem casa própria; 80% deles são agricultores; A maioria possui baixos níveis de escolaridade, apenas 40% possuem nível médio completo, realidade semelhante as que são relatadas sobre outros grupos; 60% relatam que há interação da sua instituição com outras, mas constata-se que não há articulação para formação de redes; 60 % já realizaram empréstimos seja com amigos ou entidades financiadoras; Sobre confiar nas pessoas, apenas 40% disseram que pode-se confiar e 60% que nunca é demais ter cuidado, este pode ser um fator que dificulte o trabalho coletivo, por outro lado a maioria participou de atividade em conjunto na cooperativa, fato este que pode ser valioso no desenvolvimento do trabalho coletivo. O curso de capacitação Introdução à Piscicultura, realizado diante da necessidade e decisão do grupo, foi bastante participativo.

Palavras-chave: Economia Solidária, Incubação, Educação Popular, Piscicultura, perfil socioeconômico

ABSTRACT

The capitalist economy is based on the concentration of income, on the profit and interest of large corporations, and therefore has left individuals on the fringes of the formal labor market. The solidarity economy has been presented as an alternative to this reality, a differentiated form of work, a way of trying to meet the needs. Solidarity economic ventures (EES) are quite diverse and developed by different organizations: associations, cooperatives and informal groups. In addition, they can be supported by various institutions such as NGOs and public agencies. One of the institutions that stand out in this action are the University Incubators of Solidarity Projects, which provide systematic advice to the ESS. Therefore, the purpose of this study was to perform a diagnosis of a group of fish farmers linked to the Cooperativa Agrícola Cacho de Ouro (COOPERCACHO) in Jaçanã, RN, which consists of collecting socioeconomic information from fish farmers, citing the main sources of information that producers have access to and description of characteristics related to the participation of the subjects in the group, regarding collective work and cooperation, trust and solidarity, as well as social inclusion. The data of this work consist of part of the incubation activities carried out by the University Incubator of Solidarity Economy (INCOSOL) of the UFCG, Cuité campus. The sampling criteria were by convenience method. We selected five (5) rural producers linked to COOPERCACHO who were already doing or were planning to carry out the fish farming activity. Through the wheels of conversation and visits it was possible to establish rapprochement with the group, to form and strengthen links, and to (re-) know the local reality. All of them are male and have their own home; 80% of them are farmers; The majority have low levels of schooling, only 40% have a complete secondary level, a reality similar to those reported in other groups; 60% report that there is interaction of their institution with others, but it is verified that there is no articulation for the formation of networks; 60% have already made loans either to friends or to lenders; On trusting people, only 40% said they can trust and 60% that it is never too much to be careful, this can be a factor that makes collective work difficult, on the other hand the majority participated in joint activity in the cooperative, this fact which can be valuable in the development of collective work. The training course Introduction to Fish farming, carried out in the face of the need and decision of the group, was very participative.

Keywords: Solidarity Economy, Incubation, Popular Education, Fish farming, socioeconomic profile

LISTA DE ABREVIACÕES

COOPERCACHO - Cooperativa Agropecuária Cacho de Ouro

EES- Empreendimentos Econômicos Solidários

ES - Economia Solidária

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

INCOOP - Incubadora de Cooperativas Populares

INCOSOL - Incubadora de Economia Solidária

MTE - Ministério do Trabalho e Emprego

SENAES- Secretaria Nacional de Economia Solidária

UNITRABALHO - Rede Interuniversitária de Estudos e Pesquisas sobre o Trabalho

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	13
2.1 Economia solidária, incubação e educação popular	13
2.2 Economia solidária, desenvolvimento local e piscicultura	18
3 METODOLOGIA	22
3.1 Tipo do estudo	22
3.2 Universo do estudo	22
3.3 Coleta e análise de dados.....	23
4 RESULTADOS E DISCUSSÃO	25
4.1 Primeiros olhares	25
4.2 Diagnóstico.....	26
4.2.1 Perfil socioeconômico.....	27
4.2.2 Grupos e redes	29
4.2.3 Confiança e Solidariedade.....	31
4.2.4 Ação coletiva e cooperação	33
4.2.5 Informação e comunicação.....	33
4.2.6 Coesão e Inclusão social	34
4.3 Outras ações.....	35
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	37
6 REFERENCIAS	38
7 APÊNDICE.....	42

1 INTRODUÇÃO

A economia capitalista baseia-se na concentração de renda, no lucro e interesse das grandes corporações. Dessa forma, tem deixado indivíduos à margem do mercado de trabalho formal.

Diante disso, a Economia Solidária tem se apresentado como uma alternativa à essa realidade, uma forma diferenciada de trabalho, um jeito de tentar supri-las. Estas que também podem ser chamadas de direitos, sejam eles financeiros, de autonomia, de empoderamento e de dignidade.

A área rural não está isenta das consequências desenfreadas do capitalismo, o agronegócio é a personificação de seus pressupostos no meio rural, em detrimento dos agricultores familiares. De acordo com Bruno (2016), juntamente com a ideia de geração de riqueza vemos a representação do agronegócio como exemplo de compulsão ao crescimento.

Apesar disso, a maioria dos produtores rurais brasileiros está inserida no sistema de produção familiar. BRASIL (2015), afirma que a agricultura familiar é a principal responsável pela comida que chega às mesas das famílias brasileiras, respondendo por cerca de 70% dos alimentos consumidos em todo o País.

Nesse contexto, a piscicultura, embora ainda pouco disseminada em relação a outros cultivos, pois passa por desafios que vão desde a disponibilidade de água até o acesso à informações técnicas para o cultivo, vem se tornando, aos poucos, alternativa de diversificação de produção da propriedade.

A Economia Solidária (ES) pode agregar mais valor à essa atividade, propiciando autonomia e renda aos trabalhadores. É considerada como um novo jeito de produzir e vender, priorizando a qualidade de vida dos sujeitos e, tendo como base a solidariedade, sustentabilidade e construção do coletivo. Addor [2004?], afirma que em meio a um sistema competitivo e individualista, iniciativas coletivas e solidárias vêm ganhando seu espaço, deixando os mais desacreditados no movimento da ES surpresos.

Os empreendimentos econômicos solidários (EES) são bastante diversificados e desenvolvidos por distintas organizações: associações, cooperativas e grupos informais. Além disso, podem ser apoiados por diversas instituições como ONGs e órgãos públicos. Uma das instituições que se destacam nessa ação são as Incubadoras Universitárias de Empreendimentos Solidários.

Culti (2009) aborda que as incubadoras “têm por objetivo formar, orientar, dar assistência nos mais diversos aspectos da atividade, enfim fazer um assessoramento dos EES.” Afirma ainda que a atuação das universidades por meio das incubadoras tem sido importante, tendo em vista a sua capacidade de pesquisa, e extensão, favorecendo os trabalhadores e os poderes públicos que procuram parcerias.

O processo de incubação requer uma caracterização dos atores sociais envolvidos no empreendimento e do seu contexto. De acordo com Moretto *et al* (2007) atualmente, é de suma relevância estudar e compreender o local para tomar medidas relevantes.

A Incubadora Universitária de Economia Solidária (INCOSOL) da Universidade Federal de Campina Grande vem realizando esse assessoramento a alguns grupos, dentre eles se encontra a COOPERCACHO (Cooperativa Agropecuária Cacho de Ouro) situada em Jaçanã – RN, que se caracteriza como um empreendimento de Agricultura Familiar e Economia Solidária da Região do Trairi, desenvolvendo atividades diversificadas.

Diante disso, esta pesquisa parte da seguinte problemática: quem são, em que realidade estão inseridos, como estão organizados e quais suas perspectivas em relação ao empreendimento e a seu futuro os piscicultores vinculados à COOPERCACHO?

Nessa perspectiva, conhecer esses aspectos possibilita que futuras ações e intervenções da incubadora sejam melhor embasadas e direcionadas. Além disso, esse estudo pode ainda constituir uma base para outras pesquisas na área, especificamente para a região em questão, visto que o referencial é ainda incipiente.

Portanto, o intuito desse trabalho foi realizar um diagnóstico de um grupo de piscicultores vinculados à Cooperativa Agropecuária Cacho de Ouro (COOPERCACHO) em Jaçanã, RN, o qual consistiu no levantamento de informações socioeconômicas dos piscicultores; citação das principais fontes de informação que os produtores têm acesso e descrição de características referentes à participação dos sujeitos no grupo, quanto ao trabalho coletivo e cooperação, confiança e solidariedade bem como inclusão social.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 Economia solidária, Incubação e Educação Popular

A Economia Solidária tem se disseminado cada vez mais como uma possibilidade de sobrevivência para aquelas camadas da população que estão excluídas do mercado formal de trabalho.

Como afirma Souza (2011):

Diante do desemprego estrutural, a atividade econômica associativa foi vislumbrada como uma alternativa à exclusão do mercado de trabalho, visto ainda como algo temporário. Através dela trabalhadores desempregados vêm obtendo um meio de sustento e parecem redefinir suas identidades sociais.

A ES tem recebido diferentes abordagens, porém sempre fundamentadas em princípios como autogestão, emancipação, solidariedade, justiça social, dentre outros. Kester, Santos e Sartin (2012), corroboram ao abordarem que economia solidária é um modo de organização da produção, comercialização, finanças e consumo que privilegia o trabalho associado, a cooperação e a autogestão.

Santos e Borinelli (2010), colocam a seguinte caracterização da Economia Solidária:

“um sistema socioeconômico aberto, amparado nos valores da cooperação e da solidariedade no intuito de atender às necessidades e desejos materiais e de convivência, mediante mecanismos de democracia participativa e de autogestão, visando a emancipação e o bem-estar individual, comunitário, social e ambiental.”

Já para Singer e Kruppa (2005), a ES:

A ES é o conjunto de atividades econômicas, de produção, distribuição, finanças e consumo, organizadas de forma autogestionária, ou seja, no âmbito das quais não há distinção de classe: todos os que nelas atuam são seus proprietários e todos os que são proprietários, nelas trabalham.

De acordo com Rodrigues [2012?], Economia Solidária é ter valores culturais que colocam o ser humano em primeiro lugar, sendo de extrema importância a valorização do seu trabalho. Ressalta ainda que este deve ser baseado em valores de cooperação, solidariedade, autogestão, democracia etc. e, entende-lo como um jeito de acabar com as injustiças, é primordial.

No Brasil, ainda é um campo relativamente novo e cada vez mais obtém olhares diversos ao desenvolvimento. As primeiras experiências no país datam a década de 80, porém o movimento ganhou mais força na década seguinte e desde então vem se consolidando. Para Abrão et al (2012), esse ressurgimento da ES no Brasil na década de 90, foi um meio de contraposição dos trabalhadores às consequências do capitalismo industrial.

Segundo Kester, Santos e Sartin (2012), no Brasil, a economia solidária se expandiu a partir do trabalho realizado por organização da sociedade civil, das incubadoras universitárias e dos movimentos sociais que atuam no campo e na cidade. As diversas iniciativas durante essa década levaram à formação de um Movimento Nacional de Economia Solidária.

Quando o autor fala de consequências, se refere dentre outras, às mudanças no modo de produção, substituição de modos artesanais pelas máquinas e, conseqüentemente ao desemprego. No cenário atual de crise econômica, tais conseqüências se acentuam e, para muitos a ES pode constituir um meio viável de geração de renda.

A economia solidária, embora tenha suas bases históricas no cooperativismo, vai muito além dele, como afirma Souza (*op.cit.*)

O movimento da economia solidária, cuja bandeira é a autogestão em termos de atividade econômica, vem sendo construído através de reuniões e eventos que afirmam valores para além da atividade econômica em si, ligados à ideia de democratização da sociedade. Por outro lado, a economia solidária também denomina departamentos, secretarias e órgãos de governos municipais, estaduais e até federal, tornando-se uma política pública nacional

Ao tratar da Economia Solidária como vetor para construção de um novo cidadão, Porto e Opuszka (2015) afirmam que acredita-se ser um modelo que pode dar certo se aplicado da forma correta. Ao gerar trabalho e renda, vêm se consolidando no Brasil como importante modelo alternativo de economia. O que pode ser acentuado nos momentos em que se vive crises econômicas, como nos dias atuais.

Gaiger (2013), afirma que a economia solidária constitui-se hoje de quatro segmentos principais:

“a) os empreendimentos solidários, com atividades econômicas de produção, prestação de serviços, comercialização, finanças e consumo. b) as organizações civis de apoio à economia solidária, contando-se inúmeras ONGs, universidades, entidades sindicais e organismos de pastoral social; c) os órgãos de representação e articulação política dos diversos segmentos e atores, no âmbito dos movimentos sindicais, das incubadoras, dos gestores públicos, das entidades de crédito solidário, das redes de troca etc., d) os organismos estatais à testa de programas públicos de economia solidária. tem-se desde 2006 o Conselho Nacional de economia solidária, com representações de setores do Estado e da sociedade civil”

Dentre eles, no segmento dos órgãos de representação e articulação política estão as incubadoras universitárias de empreendimentos solidários que, a estes disponibilizam assessoramento e formação nos mais diversos aspectos e, para tanto dispõe de uma equipe multidisciplinar. A formação das primeiras incubadoras é citada por Souza (2011):

Em 1997, a Rede Interuniversitária de Estudos e Pesquisas sobre o Trabalho (UNITRABALHO), fundada no ano anterior, constituiu um núcleo voltado para a economia solidária. Esse grupo promoveria pesquisas sobre essa temática e também a criação em 1998 de uma rede universitária de incubadoras de cooperativas populares, com a primeira unidade formada na Universidade Federal do Rio de Janeiro. Esta rede soma atualmente mais de 40 incubadoras universitárias.

As Incubadoras Universitárias de EES constituem uma tecnologia social cada vez mais utilizada. São espaços que agregam diversos profissionais e acadêmicos existentes na Universidade para desenvolverem sobre a economia solidária (Costa, Culti e Souza).

Culti (2009), ao discutir sobre o papel das incubadoras comenta que “essas organizações ajudam, na prática, a organizar, formar/orientar e acompanhar sistematicamente procurando qualificar as pessoas interessadas em constituir e melhorar seus Empreendimentos Econômicos Solidários.

De acordo com a INCOOP (2012), incubar significa assessorar grupos para formação de empreendimentos econômicos solidários, acompanhando sistematicamente oferecendo subsídios para a implementação e desenvolvimento das atividades. Singer (2008), numa entrevista, ressalta que para a luta pela economia solidária, as incubadoras são essenciais e cada vez mais outros ministérios estão apoiando-as.

O processo ocorre em três estágios: pré-incubação, incubação e pós-incubação. A pré-incubação consiste na fase de aproximação aos grupos, diagnóstico da realidade local, atores envolvidos e mapeamento de potencialidades e dificuldades do grupo e da comunidade.

Na fase de incubação acontece o desenvolvimento das habilidades do grupo e de acordo com a necessidade, a incubadora deve disponibilizar capacitações técnicas, para plano de negócios e acompanhamento da produção. Já o terceiro estágio, o grupo deve ter autonomia na realização do trabalho. Durante todo o processo são realizadas discussões e reflexões constantes junto ao empreendimento, visando o seu fortalecimento e emancipação dos sujeitos.

Segundo Culti (2011a), a prática de incubação é um processo educativo que prioriza a relação entre o saber popular e o científico, modifica as circunstâncias e os sujeitos na sua

maneira de ser e agir e nele ocorre constante construção e reconstrução de conhecimentos para os atores envolvidos em vários aspectos.

Por meio de processo educativo, orientado pela participação e pelo diálogo, instrui na organização do trabalho, na autogestão, nos aspectos de ordem jurídica, contábil, financeira, nas relações interpessoais e em outros aportes necessários. Seu principal objetivo é promover a geração e a consolidação dos empreendimentos de autogestão (CULTI, 2011b).

Nesse processo, as incubadoras:

valorizam o saber acumulado das pessoas e do grupo, de forma a promover a inclusão social e econômica; acrescentam conhecimentos básicos de trabalho cooperativo e técnicas específicas de produção e gestão administrativa; orientam para o mercado e para a inserção em cadeias produtivas e/ou planos e arranjos produtivos locais, etc. unem “saber popular” a “saber científico”, em uma tentativa de transformação da prática cotidiana, inter-relacionando as atividades de ensino, pesquisa e extensão; promovem um processo educativo que modifica as circunstâncias, os homens e as mulheres em sua maneira de ser e agir (CULTI, 2011b)

Melo Neto (2006), ao questionar sobre que tipo de educação seria necessária a esse acompanhamento de empreendimentos solidários, mostra que a educação popular é o fenômeno educativo, que se apresenta mais intrínseco aos mesmos e segundo ele à metodologia de incubação:

“encerra em si a educação popular, tida como um fenômeno de produção e apropriação dos produtos culturais, pelo trabalho, expresso por um sistema aberto de ensino e aprendizagem, constituído de uma teoria de conhecimento referenciada na realidade, com uma pedagogia incentivadora à participação e ao empoderamento das pessoas e do coletivo, com conteúdos e técnicas de avaliação processuais, permeado por uma base política estimuladora de transformações sociais e orientado por anseios humanos utópicos de liberdade, justiça, igualdade e felicidade.”

Ferrarini e Telmo (2015), defendem que ao expressar uma forma de resistência e de protagonismo, a educação popular articula-se também às lutas contra o desemprego e o empobrecimento, vinculando-se ao campo das experiências produtivas da economia solidária e a seus processos de formação e produção de conhecimento.

Segundo Cruz e Guerra (2009), o exercício de uma prática econômica fundada na ética da solidariedade e da sustentabilidade demanda perspectivas educativas capazes de promover a

constituição de sujeitos políticos históricos coletivamente organizados e subjetivamente empoderados.

A educação popular é pautada pelo conceito de emancipação levando o sujeito a ser o autor da sua história atuando de forma crítica e dessa forma abrindo possibilidades de transformações sociais. Segundo Freire (2005), ter a consciência crítica de que é preciso ser o proprietário de seu trabalho e de que este constitui uma parte da pessoa humana" e que a pessoa humana não pode ser vendida nem vender-se" é dar um passo a mais além das soluções paliativas e enganosas.

Zitkoski (2011), afirma que a Educação Popular constitui-se em uma diversidade de experiências pedagógicas e de formação humana que convergem para o desafio da emancipação social e da reinvenção nas formas de produzir a vida em sociedade

Educação popular e economia solidária caminham juntas no intuito de estabelecer transformações sociais, motivadas ao desenvolvimento de uma nova realidade. Uma vez que, essa dinâmica educativa se manifesta e se faz necessária no seio dos empreendimentos solidários. Segundo Cruz e Guerra (2009), ambas buscam a construção de um mundo novo, que re-humanize os seres humanos, reencarnando-lhes sua capacidade de construção – criativa, consciente, sujeita – do mundo ao seu.

Para Adams (2011), as potencialidades educativas presentes no movimento de economia solidária e das tecnologias sociais podem contribuir para minimizar as contradições existentes nas relações econômico-produtivas, bem como com as demais dimensões da vida individual e social, abrindo caminhos emancipatórios, que resultem transformações sociais da realidade.

A educação para a economia solidária só pode ser aquela que começa por negar que os papéis de educador e de educando sejam desempenhados sempre pelas mesmas pessoas (FERRARINI e TELMO, 2015). Dessa forma há uma troca de saberes e o ato de ensinar ocorre de forma dialógica em que aprende-se enquanto se é educador e se ensina enquanto educando.

Ocorre uma mudança constante de papéis, almejando uma participação efetiva dos educandos, seus saberes devem ser considerados a somar-se com o saber acadêmico, numa trama constante de um construir e reconstruir dos conhecimentos e de si mesmo, a resultar numa visão crítica de sua realidade. Cuidando, assim, o educador, a não fazer dos educandos depósitos de conhecimento.

Freire (2005) corrobora dizendo que, quanto mais se exercitem os educandos no arquivamento dos depósitos que lhe são feitos, tanto menos desenvolverão em si a consciência crítica de que resultaria a sua inserção no mundo como sujeitos transformadores dele.

2.2 Economia Solidária, Desenvolvimento Local e Piscicultura

A Economia Solidária passa a ter novos horizontes com a eleição de Luiz Inácio Lula da Silva à Presidência da República em 2002. Como bem coloca Souza (2011), o movimento, que já contava com alguns fóruns locais e regionais, passou a se organizar nacionalmente, procurando abranger todas as unidades da Federação, nesse mesmo ano.

No ano seguinte, especificamente em Junho de 2002, foi criada a Secretaria Nacional de Economia Solidária (Senaes) pelo presidente Lula, no âmbito do Ministério do Trabalho e Emprego (MTE). É resultado da proposta apresentada ao presidente pelo movimento da sociedade civil, organizado em torno do Grupo de Trabalho (GT) da Economia Solidária e que, simultaneamente à Senaes, cria o Fórum Brasileiro de Economia Solidária (SINGER E KRUPPA, 2005).

A partir daí, os empreendimentos econômicos solidários passam a ter maior importância e diversas ações a eles destinadas são implementadas. Dentre elas, além de reuniões periódicas em todo território Nacional, geração de trabalho e renda em Economia Solidária, incentivo ao consumo ético e comércio solidário, etc., podemos citar o Sistema Nacional de Informações em Economia Solidária-SIES, que objetiva coletar e sistematizar informações relacionadas aos empreendimentos solidários existentes no Brasil.

Os resultados já divulgados mostram que existem no total, 9.419 empreendimentos cadastrados, destes, 5.026 no nordeste, 1.834 no sul, 1.306 no norte, 871 no sudeste e 382 no centro-oeste do país, ou seja, pouco mais da metade (53,4%) se localizam no nordeste, sendo que a segunda e a terceira maior presença estão no Sul (19,5%) e Norte (13,9%) Brasileiro. (SENAES).

Esse notável desenvolvimento da Economia Solidária no Nordeste pode estar correlacionado ao surgimento de uma nova perspectiva de desenvolvimento, a convivência com o semiárido, com base em princípios de sustentabilidade. Essa perspectiva tem seu surgimento e crescimento acontecendo ao mesmo tempo em que a Economia Solidária, pautada também em princípios igualitários e sustentáveis, ganha impulso no Brasil, a partir das décadas de 1980 e 1990.

A região Nordeste ficou historicamente conhecida como a região da seca, e até então a perspectiva era de combate a esse fenômeno. A ele se atribuía a ocorrência da fome e miséria do sertanejo.

O paradigma da convivência com o semiárido trata sobre estratégias de captação de água, de uso do solo e do meio ambiente com princípios bases agroecológicas, dentre outros aspectos.

Assim, visando também a emancipação dos sujeitos, busca-se formas de conviver com a realidade da seca no semiárido em detrimento do combate a ela historicamente instaurada.

Alves da Silva (2003), disserta que a concentração fundiária e a exploração da mão-de-obra dos sertanejos têm destaque na explicação da manutenção da miséria na região semiárida. E ainda comenta que algumas conexões entre a perspectiva de convivência com o semiárido e o novo paradigma de desenvolvimento está ainda em construção principalmente em alguns aspectos: a busca do equilíbrio entre meio ambiente e produção de riquezas; a satisfação das necessidades e renovação das aspirações humanas como finalidade do desenvolvimento.

O mundo está voltado para as mudanças climáticas que podem interferir severamente no desenvolvimento dos países, assim têm-se discutido modelos alternativos de desenvolvimento. Nesse contexto, e diante da necessidade de se produzir de forma que preserve os recursos disponíveis, resultando numa produção sustentável, têm-se dado ênfase ao conceito de desenvolvimento sustentável. Que pode ser definido como aquele que acontece em todas as suas dimensões, econômica, ecológica e social.

Moraes [200-?], fala sobre o conceito de desenvolvimento sustentável:

“Na Comissão Mundial sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento, criada pelas Nações Unidas para discutir e propor meios de harmonizar dois objetivos: o desenvolvimento econômico e a conservação ambiental, surgiu a definição até então considerada a mais aceita sobre desenvolvimento sustentável. Consiste na ideia de que é o desenvolvimento capaz de suprir as necessidades da geração atual, sem comprometer a capacidade de atender as necessidades das futuras gerações. É o desenvolvimento que não esgota os recursos para o futuro”.

Abramovay (2010), o defende como o processo de ampliação permanente das liberdades substantivas dos indivíduos em condições que estimulem a manutenção e a regeneração dos serviços prestados pelos ecossistemas às sociedades humanas.

Nessa perspectiva, e somado ao desenvolvimento sustentável um outro conceito em ênfase é o de desenvolvimento local. Segundo Petitinga [200-?], consiste em implementar ações em territórios que permitam a ativa participação do cidadão, o efetivo controle social sobre a gestão pública através do fortalecimento da sociedade civil e o empoderamento de grupos sociais antes marginalizados nas esferas de tomada de decisão.

A autora aborda ainda que:

“O desenvolvimento deve ser entendido levando-se em conta os aspectos locais, aspectos estes que têm significado em um território específico. O global passa a ter sua importância associada ao local e vice e versa. Atualmente é quase unânime entender que o desenvolvimento local não está

relacionado unicamente com crescimento econômico, mas também com a melhoria da qualidade de vida das pessoas e com a conservação do meio ambiente”.

Nesta abordagem, o foco passou a ser a localidade. Entendia-se que os elementos fortes para promover o desenvolvimento estavam nas próprias comunidades, não havendo modelo único para que ele ocorra (CULTI, 2011b).

A Economia solidária é cogitada como estratégia de desenvolvimento local sustentável. Embora exista uma vertente de estudiosos que dissertam sobre uma concepção de desenvolvimento local com enfoque puramente econômico, nesse estudo adota-se o conceito de desenvolvimento local com bases solidárias.

A concepção “sustentável-solidária” defende a reorganização das chamadas economias locais, com base na afirmação do conceito de rede de Economia Solidária como estratégia complexa e inovadora de cooperação para implementação dos processos de desenvolvimento, este quando pautado pela solidariedade oportuniza o desenvolvimento de todos, unidos pela ajuda mútua e pela posse coletiva de certos meios de produção ou distribuição, a preferência pela autonomia das pessoas deve ser garantida (SIQUEIRA, COMERLATTO E MAI, 2015).

De acordo com Kruppa [2004?]:

“O desenvolvimento solidário é o desenvolvimento realizado por comunidades de associadas ou de cooperativas de trabalhadores, de empreendimentos informais ou outras formas que são guiados pelos valores da cooperação e ajuda mútua entre pessoas ou empreendimentos, mesmo quando competem entre si nos mesmos mercados. Eles tendem a adotar a defesa do meio ambiente e do bem-estar dos consumidores e a opor-se a tecnologias que podem ameaçar a biodiversidade, a saúde do consumidor e/ou a autonomia dos produtores associados e individuais”.

Tomé[2006?], para a promoção do desenvolvimento local, de acordo com os preceitos das Nações Unidas, deve-se promover uma nova ética social fundamentada na solidariedade, confiança, cooperação.

Como afirma Siqueira, Comerlatto e Mai (2015), a Economia Solidária:

“valoriza os princípios da igualdade (os trabalhadores são remunerados de forma equitativa e a participação nas decisões é garantida), solidariedade (garante que uma pessoa receba exatamente aquilo que ela precise, conforme suas necessidades e capacidade de contribuição) e respeito à natureza (garantindo que as gerações futuras também possam usufruir dos recursos naturais).E, portanto deve ser capaz de combinar o crescimento econômico com desenvolvimento humano”.

Segundo Siqueira, Comerlato e Mai (2015), o caráter participativo do desenvolvimento proporciona o empoderamento comunitário que pode contribuir para que os efeitos das iniciativas econômicas populares atinjam a esfera política e gerem um círculo virtuoso que contrarie as causas estruturais de marginalização

Maciel *et al* (2006); Motta (2007), reforçam que a ES tem como perspectiva a construção de um ambiente socialmente justo e sustentável e que a integração da produção familiar com a economia solidária é uma estratégia de distribuição de recursos e de poder, essencial para um desenvolvimento local sustentável.

No contexto da produção familiar, a piscicultura é uma das atividades que têm adotado esse conceito. Ela tem apresentado um crescimento considerável e concomitante a isso têm-se buscado e prezado cada vez mais pela sustentabilidade na produção de peixes.

Dantas (2015), ao justificar sua pesquisa, afirma que diante das tendências de crescimento populacional e declínio dos estoques pesqueiros, a aquicultura (criação de organismos aquáticos, a exemplo da piscicultura) é apontada como valiosa alternativa para a manutenção da oferta de pescado, e que é imprescindível atender a essa demanda de desenvolvimento com sustentabilidade.

Kubtiza (2011) relata que a atividade, no Nordeste, tem crescido nos últimos 10 anos a uma taxa de 17% ao ano o que corresponde a 40% da piscicultura brasileira, e que de 1995 a 2009 a produção aumentou de 12.000 para 133.000 toneladas ao ano. Neste cenário, destaca-se também os pequenos e médios produtores que têm adotado a piscicultura familiar como possível agregação de novas fontes de renda.

Diante do exposto, acredita-se que a relação entre a piscicultura e Economia Solidária, deve ser promissora ao desenvolvimento local. Como ressalta Motta (2007), a ES, por meio de empreendimentos autogestionários e direcionados ao desenvolvimento local, tem uma identidade muito forte com a forma de produção da agricultura familiar.

3 METODOLOGIA

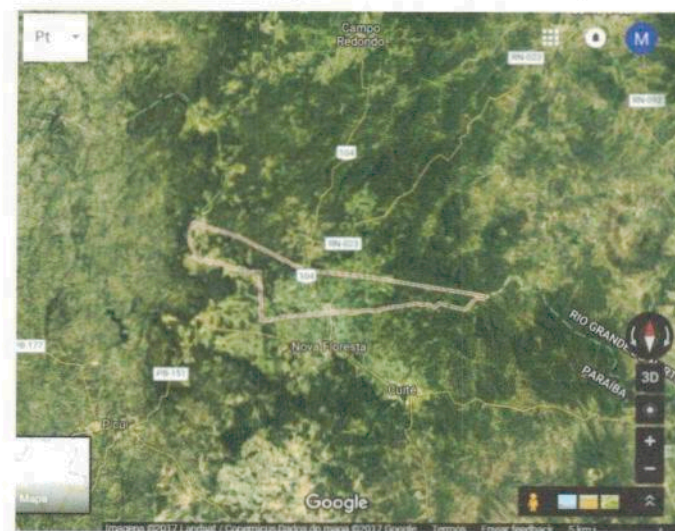
3.1 Tipo do Estudo

Quanto aos objetivos este estudo possui natureza descritiva. Gil (2002), afirma que esse tipo de pesquisa tem como objetivo primordial a descrição das características de determinada população ou fenômeno ou, então, o estabelecimento de relações entre variáveis.

3.2 Universo da Pesquisa

O Município de Jaçanã – RN (Figura 01), segundo o IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), se estende por 54,6 km² e possui 7.925 habitantes. Vizinho dos municípios de Nova Floresta, Coronel Ezequiel e Cuité, Jaçanã se situa a 29 km a Sul-Oeste de Santa Cruz, a maior cidade da região, e é situado a 657 metros de altitude.

Figura 01 – Localização do Município de Jaçanã-RN

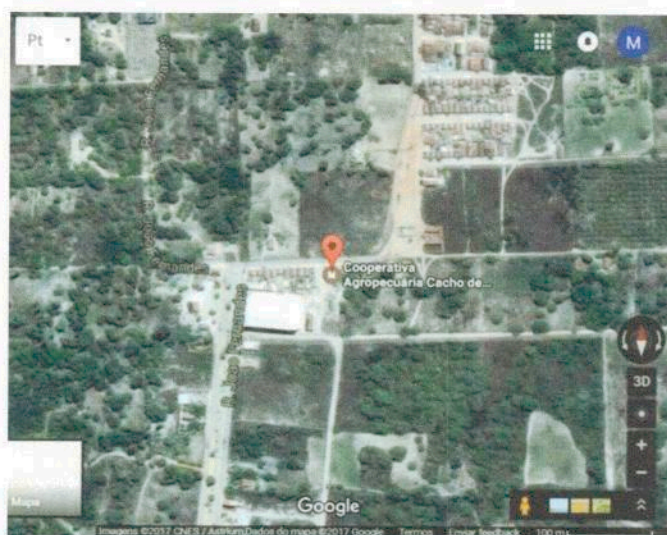


Fonte: Google Maps, 2016.

Este trabalho foi desenvolvido na COOPERCACHO (Cooperativa Cacho de Ouro), um empreendimento de Agricultura Familiar e Economia Solidária da Região do Trairi, com sede neste município (Figura 02).

A coleta de dados se deu por meio da aplicação de questionário (Apêndice C), n=5, no intuito de traçar um perfil dos piscicultores.

Figura 02 – Localização da COOPERCACHO



Fonte: Google Maps, 2016.

A amostragem foi do tipo não aleatória por conveniência (Gil, 2010) e os critérios inclusão/exclusão utilizados foram os produtores rurais vinculados a COOPERCACHO que já realizavam e que planejavam realizar a atividade de piscicultura.

3.3 Coleta e análise de dados

Estudos sobre piscicultura a alguns anos estão sendo desenvolvidos pelo LAPEAQ (Laboratório de Estudos de Peixes e Aquicultura) sob coordenação da Doutora Marisa de Oliveira Apolinário. Alguns deles estão condensados em Apolinário *et al* (2015) que aborda aspectos Socioeconômicos, Educacionais e Produtivos da piscicultura. Dessa forma, este trabalho resulta da expansão desses estudos para o Rio Grande do Norte em parceria com a Incubadora de Empreendimentos Solidários (INCOSOL) da UFCG *campus* Cuité.

Foram realizadas visitas *in loco*, conversas individuais e coletivas, na tentativa de lançar os primeiros olhares sobre o universo da pesquisa, bem como estabelecer uma aproximação com os sujeitos envolvidos.

Os dados socioeconômicos foram coletados por meio de um questionário semiestruturado adaptado da Incubadora Universitária de Empreendimentos Econômicos Solidários (IUSS) da UFCG *campus* Campina Grande. A análise dos dados foi realizada de forma descritiva e tabulados em planilhas eletrônicas.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

4.1 Primeiros Olhares

No intuito de estabelecer uma aproximação com os produtores e de lançar os primeiros olhares sobre a realidade na qual estão inseridos, após haver a apresentação da incubadora e objetivos do projeto, realizou-se visitas e rodas de conversas. A primeira roda de conversa, realizada na cidade de Jaçanã/RN especificamente na sede da Cooperativa Agropecuária Cacho de Ouro (Figura 03).

Figura 03 – Primeira roda de conversa com o grupo



Fonte: Dados da pesquisa, 2017.

Na ocasião, os produtores falaram das atividades que já realizam e do interesse comum em desenvolver a piscicultura, visando uma maior diversificação de suas propriedades e um complemento de renda. Quando levantada a questão sobre a viabilidade do desenvolvimento desta atividade, eles disseram ter disponibilidade de água, por meio de poços artesianos, em quantidade suficiente para a produção e, os que já produzem relataram fazer reuso da água para irrigação do plantio de maracujá.

Foi discutida que talvez o maior gargalo desta produção seja a comercialização, tendo em vista que não é possível escoar toda a produção no mercado local e, muito menos em via direta ao consumidor. Motta (2007) afirma que uma das formas de aumentar o poder dos(as)

agricultores(as) é formar grupos que, aumentando a escala de produção e incrementando os produtos com agregação de valor, tornam-se mais fortalecidos dentro do mercado.

Por fim, foi indicada por eles a necessidade de palestras nas escolas como forma de conscientização e incentivo ao consumo de pescado. Como ainda estávamos em fase de aproximação, ficou acordado que teríamos novas oportunidades de contato para, aos poucos, darmos continuidade às ações da incubadora.

Após a roda de conversa, realizou-se uma visita à uma das propriedades que já possui a piscicultura bem desenvolvida em tanques escavados.

Buscou-se com isso, além de conhecer características da localidade, caminhar junto à eles como forma de estabelecer vínculos e conhecer melhor os sujeitos envolvidos no empreendimento.

Figura 04 – Caminhada junto com os produtores



Fonte: Dados da pesquisa, 2017.

Figura 05 – Tanque escavado



Fonte: Dados da pesquisa, 2017.

4.2. Diagnóstico

O diagnóstico do grupo de produtores vinculados à COOPERCACHO e dispostos a participar de um empreendimento solidário a ser incubado, consiste no perfil socioeconômico que englobou aspectos como idade, sexo, moradia, escolaridade, dentre outros.

Além disso foram abordadas outras questões a respeito de como acontece a participação dos entrevistados em grupos e redes, as ações coletivas e cooperação, se há confiança e solidariedade, como eles têm acesso à informação, bem como se ocorre inclusão social e autogestão. Tais características servem de subsídios para o processo de incubação.

4.2.1 Perfil socioeconômico

Todos os produtores entrevistados já participaram de encontros do projeto e demonstraram interesse em continuar.

Segundo dados da pesquisa 100% dos entrevistados são do sexo masculino sendo 60% com idade entre 43 e 55 anos e o restante possui mais de 55 anos, de acordo com a Tabela 01. Ao analisar o perfil dos produtores de uma associação, Silva (2014), descreve que a idade média deles é de 55 anos \pm 12 anos, resultado semelhante ao desse estudo. Já Santos (2008), em sua pesquisa, relata que a maioria possui de 46 a 60 anos.

Tabela 01: Idade dos piscicultores da COOPERCACHO

Idade	N	%
43 — 55	3	60
+ de 55 anos	2	40
Total	5	100

Fonte: Dados da pesquisa, 2017.

Quanto à moradia todos relataram possuir casa própria e, de acordo com a Tabela 02, 60% dos produtores relataram que moram de 03 a 04 pessoas, 20% de 01 a 02 e 20% de 05 a 06, em suas casas. Dentre estes, 60% possuem de 1 a 2 filhos e 40% de 3 a 4. Silva e Neto [200-?], ao descrever o perfil socioeconômico de uma comunidade de pescadores, relatam que a maioria possui de 03 a 09 dependentes, dentre esposa, filhos e netos.

Tabela 02: Quantidades de moradores por residência.

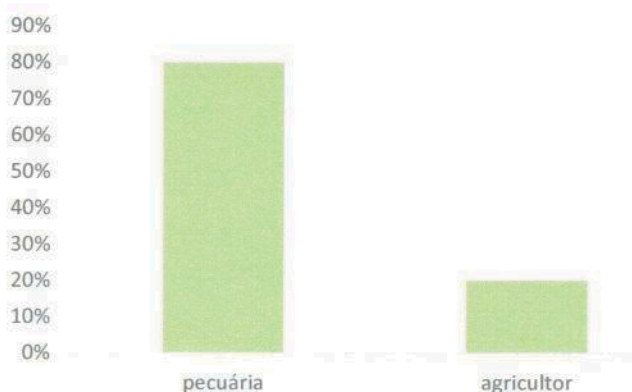
Quantidades	N	%
01 — 02	1	20
03 — 04	3	60
05 — 06	1	20
Total	5	100

Fonte: Dados da pesquisa, 2017.

Todos eles relataram como habilidades o plantio e a criação de animais. Analisando a Figura 06 observa-se que todos disseram atuar na agricultura, sendo a única atividade de 20 % deles e 80% além desta, exerce também a pecuária.

Quanto ao desejo de desenvolver novas atividades 40% desejam aperfeiçoar o que já fazem; 20% desenvolver novas culturas sem especificar, 20% deseja investir em plantio de banana e outros 20% estuda a possibilidade de organizar um pesque-pague.

Figura 06: Ocupação dos piscicultores da COOPERCACHO



Fonte: Dados da pesquisa, 2017.

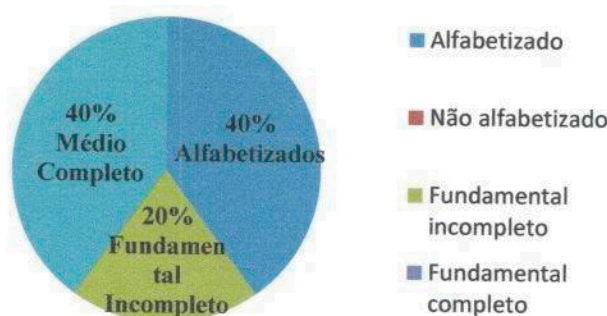
A figura 07 mostra os dados sobre a escolaridade dos produtores. Analisando-a, observa-se que 20% possuem fundamental incompleto, 40% são somente alfabetizados e 40% fizeram o ensino médio completo acrescido de curso técnico agrícola. Nota-se que a maioria possui baixos níveis de escolaridade, realidade frequente e que não difere da encontrada em outros grupos.

Traçando o perfil de um grupo de produtores rurais do município de Catingueira, no Estado da Paraíba, Santos (2008) constatou que a maioria cursou apenas as primeiras séries do ensino fundamental. Da mesma forma, Belmino (2010), ao citar a formação escolar dos pescadores e piscicultores do Açude Boqueirão do Cais, mostra índices relativamente baixos, num total de 60% dentre os que são somente alfabetizados e não alfabetizados.

Belmino, Silva e Apolinário (2015) na descrição do perfil sociodemográfico de um grupo de piscicultores apresentaram dados nos quais observaram que a taxa de alfabetização dos entrevistados, era relativamente baixa.

Oliveira (2012), ao caracterizar a piscicultura em tanques escavados no município de Guapé, em Minas Gerais descreveu que 60% dos piscicultores possuíam ensino fundamental incompleto.

Figura 07: Escolaridade dos participantes da pesquisa.

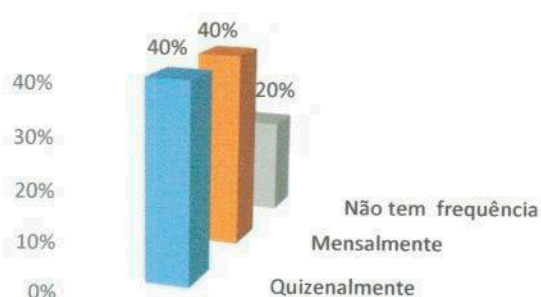


Fonte: Dados da pesquisa, 2017.

4.2.2 Grupos e redes

Os produtores relataram que a instituição na qual são associados possuem mais de 24 membros, sendo todos com a mesma ocupação. As figuras 08 e 09 trazem informações quanto à frequência de reuniões entre os associados e se há interação com outros coletivos. Observa-se que na figura 10 que 40 % disseram se reunir mensalmente, outros 40% se reúnem quinzenalmente e apenas 20% não tem frequência de reunião.

Figura 08: Os membros se reúnem com frequência?

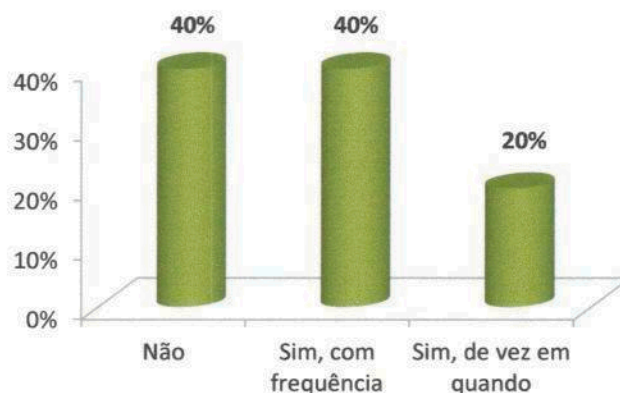


Fonte: Dados da pesquisa, 2017

Na figura 09, para 40% deles não há interação com outras instituições coletivas, outros 40% dizem haver com frequência e 20 % relata que ocorre a interação, porém de vez em quando. Constata-se que a interação existente com outras instituições ocorre em minoria e se

resume a um evento ou outro promovido por elas, não havendo articulação para formação de redes.

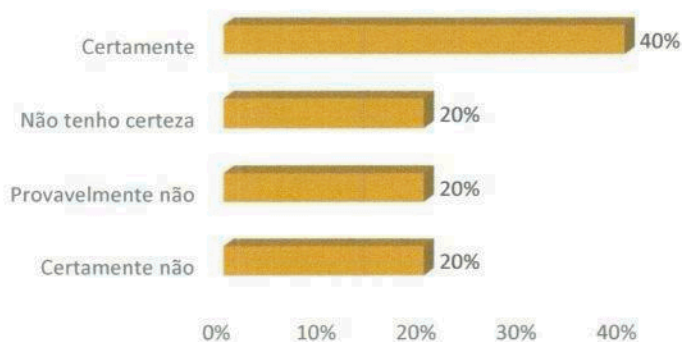
Figura 09: Há interação da cooperativa/associação com outros da mesma natureza?



Fonte: Dados da pesquisa, 2017.

Todos disseram possuir amigos dentro da Cooperativa/Associação numa quantidade de mais de 12, o que pode facilitar o trabalho coletivo. No entanto, para a maioria a amizade se distancia das questões financeiras, pois como demonstra a figura 10, quando questionados se alguém do grupo lhe emprestaria dinheiro, caso precisasse, 40% disseram que certamente emprestariam, 20% que certamente não, 20% provavelmente não e 20% disseram que não tinham certeza.

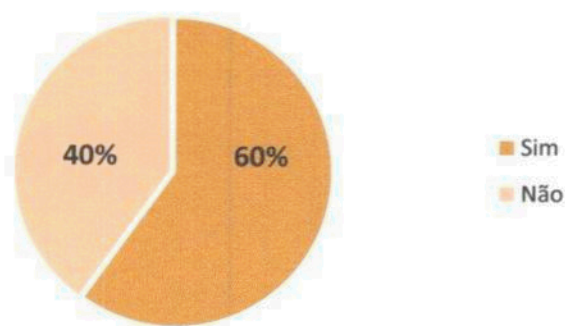
Figura 10: Se precisasse de dinheiro alguém do grupo lhe emprestaria?



Fonte: Dados da pesquisa, 2017.

Quanto à realização de empréstimos 60% respondeu ter realizado e 40% não realizou empréstimo (Figura 11). Os que fizeram foi com amigos ou agentes financiadores, como Banco do Nordeste ou pelo PRONAF (Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar) que “destina-se a estimular a geração de renda e melhorar o uso da mão de obra familiar, por meio do financiamento de atividades e serviços rurais agropecuários e não agropecuários desenvolvidos em estabelecimento rural ou em áreas comunitárias próximas.” (BANCO CENTRAL DO BRASIL, 2015).

Figura 11: Já foi realizado algum empréstimo?

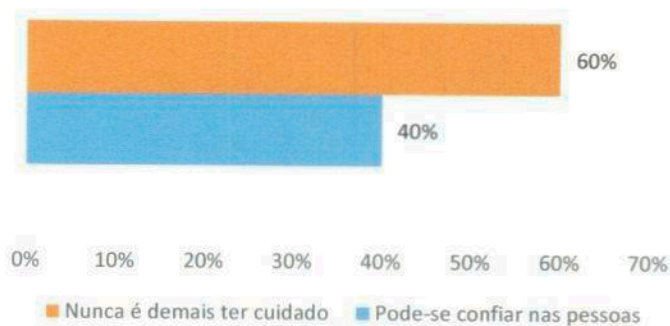


Fonte: Dados da pesquisa, 2017.

4.2.3 Confiança e Solidariedade

A figura 12 expõe resultados sobre a confiança que os entrevistados possuem nas pessoas. Analisando-a constata-se que 40% disseram que pode-se confiar nas pessoas e 60% relataram que nunca é demais ter cuidado.

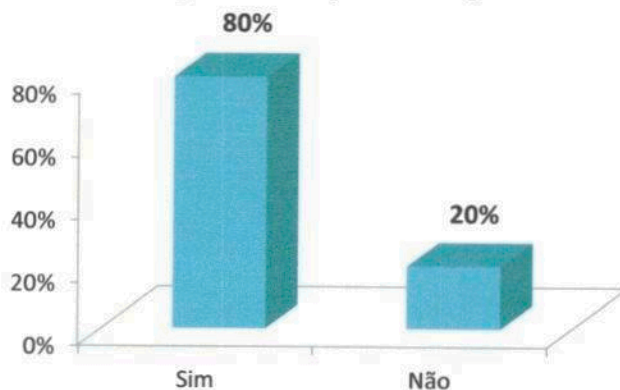
Figura 12: O que você acha sobre confiar nas pessoas?



Fonte: Dados da pesquisa, 2017.

As figuras 13 e 14 exibem informações acerca do apoio e confiança na relação dos entrevistados e associação. Quando questionados se a instituição que participam está disposta a lhe ajudar 80 % disseram que sim e 20% que não possuem o apoio da associação. (Figura 13). Sobre como ela ajudava enfatizaram que a ajuda é ainda pouca, a exemplo da disponibilização de um técnico para produção de peixes ou na comercialização.

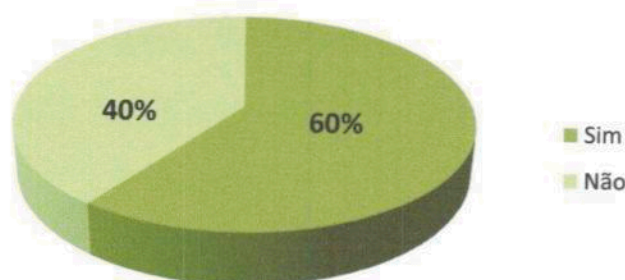
Figura 13: A associação /cooperativa que você faz parte está disposta a lhe ajudar caso precise?



Fonte: Dados da pesquisa, 2017.

Observando a figura 14, vê-se que 60% deles acham que dentro da instituição existe a possibilidade de que alguém tire vantagem deles e 40% acham que não.

Figura 14: Você acha que alguém pode tentar tirar vantagem de você?



Fonte: Dados da pesquisa, 2017.

4.2.4 Ação coletiva e cooperação

Não há possibilidade de dissertar sobre Economia Solidária sem remeter-se à ação coletiva e cooperação visto que trata-se de constituintes de suas bases.

Castanheira e Pereira (2008), afirmam que as relações entre os indivíduos formam uma rede de relacionamentos horizontais, fundamentadas em vínculos modernos de confiança, fortes o suficiente para superar os interesses individuais e utilitaristas.

Para os autores, a ação coletiva no âmbito da economia solidária e da autogestão está orientada, fundamentalmente, pela reciprocidade entre os vínculos sociais, sobretudo os de confiança, estabelecidos no processo de trabalho.

Sobre o entrevistado ou alguém de sua casa ter participado de alguma atividade em conjunto na associação/cooperativa no último ano, 80% responderam que sim e 20% disseram não ter participado de qualquer atividade.

4.2.5 Informação e comunicação

Quanto às principais fontes de informação a que eles tem acesso, internet e televisão foram citadas por 100% dos produtores, rádio citada por 60% e parentes amigos e vizinhos por 20% deles, ressaltando que cada produtor citou mais de uma fonte de acesso à informação.

Vale ressaltar o uso da internet pelos produtores, seja por meio de computadores ou celulares, eles a utilizam para comprar equipamentos ou obter informações sobre eventos e editais. Bernardes e Bomfim (2015), discutem que o desenvolvimento tecnológico contemporâneo recorre à necessidade de se buscar cada vez mais informações em tempo real, assim como, alcançar o acesso às competências digitais.

Segundo eles, estas necessidades tendenciam o produtor rural a procurar novas alternativas para suprir suas demandas e obter conhecimento em relação aos suportes tecnológicos, políticas públicas, economia, produtividade, fomentos, e etc.

É notável que a internet vem sendo cada vez mais popularizada no meio rural principalmente pelo celular. De acordo com o Canal Rural (2015), uma pesquisa mostra que o número de usuários que acessam a internet pelo celular na zona rural passou de 4% para 24% em quatro anos, o que representa mais de 20 milhões de pessoas.

4.2.6 Coesão e Inclusão social

É de suma importância em um empreendimento econômico solidário conhecer os aspectos relacionados à coesão e inclusão social. Os questionamentos foram sobre diferenças e trabalho em equipe e reuniões com amigos, como descritos a seguir: 60% relatou ter se reunido com os outros membros no último mês anterior à entrevista, na frequência de 2, 3 ou 6 vezes e os 40% restantes não se reuniram.

A maioria dos produtores (80%) disseram que as pessoas com quem trabalham são pouco diferentes e apenas 20% que são muito diferentes.

Dos entrevistados 60% afirmou que dentre os membros de sua instituição há pessoas com condições melhores que a deles e os outros 40% que não havia. No entanto, quando questionados se as diferenças existentes podem causar problemas em um trabalho em equipe, todos disseram que não e que ele pode existir apesar de todas elas. Justificaram que diferenças não causam problemas quando se estar com o mesmo pensamento e enfatizaram que o problema virá ou não dependendo de como cada um olha pro outro e que o que importa mesmo pra ele é uma boa amizade. Nota-se portanto, uma predisposição para o desenvolvimento do trabalho coletivo.

4.3 Outras ações

Com o mesmo intuito da anterior, outras visitas foram realizadas (Figura 15).

Figura 15 – Visita realizada a um dos produtores.



Fonte: Dados da pesquisa, 2017.

Depois das visitas, conversas e observações e, diante da decisão do grupo de realmente formar o empreendimento em piscicultura, foi realizado o curso de capacitação **“Introdução à Piscicultura”** (Figura 16), durante o qual foi discutido com os produtores sobre a motivação em criar peixe, recursos iniciais necessários à produção, diferenças entre os sistemas de cultivo, importância e descrição do manejo e monitoramento do cultivo, dentre outros fatores importantes para o desenvolvimento da atividade.

Figuras 16 – Curso de Introdução à Piscicultura



Fonte: Dados da pesquisa, 2017.

De forma geral, foi um curso bastante participativo (Figura 17). Os produtores já atuantes na piscicultura relataram para os iniciantes as suas experiências na atividade, havendo uma troca significativa de saberes.

Figura 17 – Participantes do curso



Fonte: Dados da pesquisa, 2017.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

É notável o desenvolvimento da Economia Solidária nas últimas décadas, nesse contexto destaca-se as incubadoras universitárias que realizam o assessoramento aos grupos. Neste trabalho pode-se acompanhar e realizar o diagnóstico de um grupo de produtores no âmbito da Incubadora de Economia Solidária (INCOSOL). Eles estão predispostos a continuar junto com a incubadora, porém denota-se que estão mais interessados numa comercialização solidária do que na produção, visto que alguns deles já realizam a atividade.

O perfil socioeconômico muito se assemelha aos definidos em outros trabalhos. Nota-se que buscam um certo grau de diversificação em suas propriedades, vindo a piscicultura contribuir com essa perspectiva.

Percebe-se aspectos positivos ao trabalho coletivo como a organização e participação da maioria desses atores em reuniões e outras atividades coletivas. Porém essa participação é mais efetiva em suas associações do que na cooperativa, havendo com ela mais o intuito de obter facilidade na comercialização.

Vale salientar que das observações e conversas, depreende-se que possuem certo grau de politização, no sentido de que se reconhecem e sabem do seu papel como cidadãos. Se organizam na busca por seus direitos como associação.

Por fim, embora haja essa predisposição dos produtores, grandes são os desafios para trabalhar a Economia Solidária, visto que os sujeitos foram formados numa visão individualista e competitiva, de acordo com a lógica do capital.

Depois das visitas, conversas e observações e, diante da decisão do grupo de realmente formar o empreendimento em piscicultura, foi realizado o curso de capacitação **“Introdução à Piscicultura”**, durante o qual foi discutido com os produtores sobre a motivação em criar peixe, recursos iniciais necessários à produção, diferenças entre os sistemas de cultivo, importância e descrição do manejo e monitoramento do cultivo, dentre outros fatores importantes para o desenvolvimento da atividade.

De forma geral, foi um curso bastante participativo. Os produtores já atuantes na piscicultura relataram para os iniciantes as suas experiências na atividade, havendo uma troca significativa de saberes.

REFERENCIAS

ABRAMOVAY, Ricardo Desenvolvimento sustentável: qual a estratégia para o Brasil? *Novos estudos* 87, Julho, 2010.

ABRÃO, Sabrina; CASTRO, Kelly; Sandra, RUFINO; PEREIRA, Tiago. *Análise diagnóstica precedente a assessoria de Empreendimentos Solidária de Minas Gerais recuperados por trabalhadores*. In: 9º ENEDS – Natal, RN, Brasil, 12, 13 e 14 de setembro de 2012

ADDOR, Felipe. **Desafios da Economia Solidária no Brasil: uma sistematização da literatura existente**. Núcleo de Solidariedade Técnica – SOLTEC/UFRJ, [2004?]

ALVES DA SILVA, Roberto Marinho. Entre dois paradigmas: combate à seca e convivência com o semiárido. **Sociedade e Estado**, Brasília, v. 18, n. 1/2, p. 339-360, jan./dez. 2003.

APOLINÁRIO, Marisa de Oliveira (Org.); BELMINO, José Franciscavid Belmino (Org.) ; SILVA, Leonardo de Oliveira(Org.); DANTAS, Milena Buriti (Org.). **Ictiologia e Piscicultura no Curimataú Paraibano: Aspectos Socioeconômicos, Educacionais e Produtivo**. 1. ed. Campina Grande: EDUFCG, 2015. v. 1. 120p

BELMINO, Franciscavid Barbosa. Caracterização do processo de implantação do projeto de cultivo da tilápia *Oreochromis niloticus* (LINHAGEM CHITRALADA), em tanques-rede no Açude Boqueirão do Cais, Cuité – PB. Monografia (Licenciatura em Ciências Biológicas) – UFCG. Cuité, 2010.

BELMINO, J.F.B.; SILVA, L. O.; APOLINÁRIO, M. O. Perfil Sociodemográfico da comunidade de pescadores do açude Boqueirão do Cais, Cuité – PB. . In: Apolinário *et al.* . **Ictiologia e piscicultura no Curimataú Paraibano: Aspectos Socioeconômicos, Educacionais e Produtivos**. EDUFCG, 2015, Campina Grande – PB.

BERNARDES, J. C.; VIEIRA, S. C.; BONFIM, E. B.. Comunicação rural: legitimando a inclusão digital no campo. RECoDAF – **Revista Eletrônica Competências Digitais para Agricultura Familiar, Tupã**, v. 1, n. 2, p. 1-12, jul./dez. 2015. ISSN: 2448-0452.

BRASIL, Banco central do. O que é o PRONAF? Disponível em: https://www.bcb.gov.br/pre/bc_atende/port/PRONAF.asp. 2015. Acesso em: 02/03/2017.

BRASIL, Portal. **Agricultura familiar produz 70% dos alimentos consumidos por brasileiro**. Disponível em: <http://www.brasil.gov.br/economia-e-emprego/2015/07/agricultura-familiar-produz-70-dos-alimentos-consumidos-por-brasileiro> Publicado: 24/07/2015 Acesso em: 05/fev/2017

CANAL RURAL. **Acesso à internet por meio de celular cresce no campo**. 2015. Disponível em: <http://www.canalrural.com.br/noticias/rural-noticias/acesso-internet-por-meio-celular-cresce-campo-59853>. Acesso em: 20/03/2017.

CASTANHEIRA, Maria Eugênia Monteiro; PEREIRA, José Roberto. Ação coletiva no âmbito da economia solidária e da autogestão. **Rev. Katál**. Florianópolis v. 11 n. 1 p. 116-122 jan./jun. 2008

CRUZ, Antônio; GUERRA, Janaína da Silva. Educação popular e economia solidária nas incubadoras universitárias de cooperativas populares – práticas dialógicas mediadas pelo trabalho. Capítulo de livro. 2009. 13 pp. –In: HERBERT, Sérgio (Org). Participação e práticas educativas - a construção coletiva do conhecimento. São Leopoldo: *Oikós*, 2009. pp. 90-105.

CULTI, Maria Nezilda. Conhecimento e práxis: processo de incubação de empreendimentos econômicos solidários como Processo Educativo. *OtraEconomía* - Volumen III - Nº 5 - 2º semestre/ 2009 - ISSN 1851-4715

CULTI, Maria Nezilda. Empreendimentos de economia solidária e seu aporte ao desenvolvimento local. In: **Economia solidária numa pluralidade de perspectivas/** Luís Miguel Luzio dos Santos, Benilson Borinelli, Sinival Osório Pitaguári (organizadores). – Londrina : UEL, 2011. 254 p.: il.

CULTI, Maria Nezilda. **Incubadoras Universitárias de Empreendimentos Solidários: aspectos conceituais e a práxis do processo de incubação.** MDS/PRONINC, UEM/Núcleo/Incubadora Unitrabalho, Maringá, 2011.

FERRARINI, Adriane Vieira; Adams, Telmo. A educação popular na formação de trabalhadores da economia solidária: avanços políticos e desafios pedagógicos. **Ciências Sociais Unisinos**, vol. 51, núm. 2, maio-agosto, 2015, pp. 212-221. Universidade do Vale do Rio dos Sinos. São Leopoldo, Brasil.

FRASER, Márcia Tourinho Dantas; GONDIM, Sônia Maria Guedes. Da fala do outro ao texto negociado: discussões sobre a entrevista na pesquisa qualitativa. **Paidéia**, 2004, 14 (28), 139 - 152

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. 45. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005

GAIGER, Luiz Inácio. A economia solidária e a revitalização do paradigma cooperativo. **Rbcs**, Vol. 28 nº 82 junho/2013

GIL, Antônio Carlos, 1946 - **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. - São Paulo: Atlas, 2002

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. - São Paulo: Atlas, 2008. ISBN 978-85-224-5142-5

INCOOP MÉTODO DE INCUBAÇÃO NuMI-EcoSol UFSCar Última atualização: 19/01/2012

INCOOP. **Método de incubação.** NuMI-EcoSol UFSCar, 2012.

KESTER, Lenadro Valkinir; SANTOS, Elias Matias dos; SARTIN, Karla Roberto. Papel das instituições de apoio à Economia Solidária junto à agricultura familiar: caso dos produtores agroecológicos do município de Cacoal – RO. **XXXII Encontro Nacional de Engenharia de Produção**. Bento Gonçalves, RS, Brasil, 15 a 18 de outubro de 2012.

KRUPPA, Sonia Maria Portella. Educação e trabalho na perspectiva do desenvolvimento. [2004?]

KUBTIZA, Fernando. O status atual e as tendências da tilapicultura no Brasil. **Panorama da Aquicultura**, Março/Abril, 2011.

MACIEL, Vera de Fátima; NEPOMUCENO, Vicente; ADDOR, Felipe; LIANZA, Sidney. **Economia Solidária e Educação de Jovens e Adultos, um Experimento em Macaé / RJ**. Núcleo de Solidariedade Técnica (SOLTEC/POLI-UFRJ), [2006?]

MELO NETO, José Francisco de. Educação popular em economia solidária. **XIX Reunião Anual da Associação Nacional de Pesquisa em Educação /ANPED**, 2006.

MORAES, Roberto. **O que é desenvolvimento sustentável?** S.n.t. 13p.

MORETTO, Cleide Fátima; MORES, Giana de Vargas; ANTONI, Verner Luis. **O Desenvolvimento sustentável na perspectiva local:** a percepção do sentido da sustentabilidade pelos residentes do município de passo fundo.2007. Disponível em: <www.fee.rs.gov.br/4-encontro-economia.../meioambiente-1-4> Acesso em: 20 abr 2016

MOTTA, Eugenia. Economia solidária e agricultura familiar: uma integração necessária. **Democracia Viva**, n° 35, Junho, 2007.

OLIVEIRA, A. S. Caracterização socioambiental da piscicultura em tanques-rede no município de Guapé - MG. **Dissertação**. Alfenas: Unifenas, 2012.

PETITINGA, Carolina Santos. Desenvolvimento local. **Mais definições em transito**. [200-?]

PORTO, Pedro Augusto Cruz; OPUSZKA, Paulo Ricardo. Economia solidária, seus princípios e sua extensão como vetor para construção de um novo cidadão. **Revista.unicuritiba.edu.br** > capa > v. 1, n. 38 (2015).

SANTOS, Luis Miguel Luzio dos; BORINELLI, Benilson. Socioeconomia Solidária: propostas e perspectivas. In: BORINELLI, Benilson. **Economia solidária em Londrina: aspectos conceituais e experiência institucional**. UEL, Londrina, 2010. 224 p. : il. ISBN 978-85-7846-004-4

SANTOS, Paulo Luciano da Silva. Perfil sócio-Econômico de produtores e aspectos produtivos e sanitários de rebanhos leiteiros da Paraíba. **Dissertação** – Programa de Pós-Graduação em Medicina Veterinária de Ruminantes e Eqüídeos da Universidade Federal de Campina Grande – UFCG. Patos, 2008

SILVA, Larissa Fernanda do Nascimento. **Perfil de produtores da associação de criadores de cabras leiteiras do Leste e Agreste Potiguar**; Macaíba, RN, 2014. 63 f.

SILVA, Leones Amorim da; NETO, Jose Lopes Soares. **Perfil socioeconômico da comunidade de pescadores de Porto Nacional – TO, durante o período de defeso**. [200-?].

SINGER Paul; KRUPPA, Sonia Maria Portella. Senaes e a economia solidária democracia e participação ampliando as exigências de novas tecnologias sociais. In: **Educação de Jovens e Adultos e Economia Solidária**, Org: KRUPPA, Sonia Maria Portela. Inep, Brasília – DF, 2005

SINGER, Paul. **Entrevista**. 2007. Disponível em: <www.scielo.br/pdf/ea/v22n62/a20v2262.pdf> Acesso em: 20/04/2016

SINGER, Paul. Entrevista. **Estudos avançados** 22 (62), 2008

SIQUEIRA, Luiz Victor Pittella; COMERLATTO, Dunia; MAI, Jesica . Abordagens sobre desenvolvimento: da perspectiva capitalista à solidária. **X ENAPUR**, Espaço, Planejamento e Insurgências. Belo Horizonte, 2015.

SOUZA, André Ricardo de. Um exame da economia solidária. **Outra Economia**, 5(9):173-184, julio-diciembre 2011.

ZITKOSKI, Jaime José. Educação popular e economia solidária: estudo de uma experiência no rio grande do sul. **ECS**, Sinop/MT, v.1, n.2, p.162-174, jul./dez. 2011.

APÊNDICES

Apêndice A – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido para realização da pesquisa na Cooperativa COOPERCACHO.

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)

Solicitamos à Cooperativa COOPERCACHO, a autorizar a realização da pesquisa, sobre o diagnóstico de um grupo de piscicultores vinculados à Cooperativa Agropecuária Cacho de Ouro (COOPERCACHO) em Jaçanã, RN, o qual consiste no levantamento de informações socioeconômicas dos piscicultores.

INFORMAÇÕES SOBRE A PESQUISA

Título do Projeto: ECONOMIA SOLIDÁRIA, DESENVOLVIMENTO LOCAL E PISCICULTURA: O CASO DA COOPERATIVA AGROPECUÁRIA CACHO DE OURO (COOPERCACHO) JAÇANÃ, RN.

Graduado Pesquisador: Milena Buriti Dantas

Contato: (+5583) 986650490

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Marisa de Oliveira Apolinário

Contato: marisapoli@ufcg.edu.br

A pesquisa visa, visa traçar um perfil socioeconômico dos piscicultores vinculados à Cooperativa COOPERCACHO.

CONSENTIMENTO DA PARTICIPAÇÃO

A, _____, CNPJ/CPF, _____, concorda e autoriza a participação da pesquisa referida acima. A instituição foi devidamente informada e esclarecida pelo graduado pesquisador Milena Buriti Dantas, sobre a pesquisa e os procedimentos nela envolvidos.

Milena Buriti Dantas (Pesquisadora)

Prof.^a Dr.^a Marisa de Oliveira Apolinário (Orientadora)

Apêndice B – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido de participação dos discentes na pesquisa.

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)

Caro produtor, você está sendo convidado (a) a participar, como voluntário (a), de uma pesquisa com

o tema: **ECONOMIA SOLIDÁRIA, DESENVOLVIMENTO LOCAL E**

PISCICULTURA: O CASO DA COOPERATIVA AGROPECUÁRIA CACHO DE OURO (COOPERCACHO) JAÇANÃ, RN.

Essa pesquisa constitui parte integrante da elaboração do trabalho de conclusão do curso de Especialização de Educação de Jovens e Adultos- EJA/ECOSOL da Universidade Federal de Campina Grande. No caso de aceitar fazer parte do estudo, assine ao final deste documento, que está em duas vias. Uma delas é sua e a outra é do pesquisador. A recusa não resultará em penalização.

INFORMAÇÕES SOBRE A PESQUISA

Título do Projeto: ECONOMIA SOLIDÁRIA, DESENVOLVIMENTO LOCAL E PISCICULTURA: O CASO DA COOPERATIVA AGROPECUÁRIA CACHO DE OURO (COOPERCACHO) JAÇANÃ, RN.

Graduado Pesquisador: Milena Buriti Dantas

Contato: (+5583) 986650490

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Marisa de Oliveira Apolinário

Contato: marisapoli@ufcg.edu.br

CONSENTIMENTO DA PARTICIPAÇÃO

Eu, _____, concordo em participar da pesquisa referida acima. Fui devidamente informado e esclarecido pela graduada pesquisadora, Milena Buriti Dantas, sobre a pesquisa e os procedimentos nela envolvidos. Foi-me garantido que posso desistir da participação a qualquer momento, sem prejuízo.

Milena Buriti Dantas (Pesquisador)

Prof.^a Dr.^a Marisa de Oliveira Apolinário (Orientadora)

Apêndice C – Modelo de questionário avaliativo



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE EDUCAÇÃO E SAÚDE – CES
INCUBADORA UNIVERSITÁRIA DE EMPREENDIMENTOS
ECONÔMICOS SOLIDÁRIOS – IUEES/UFCG**

QUESTIONÁRIO PARA DIAGNÓSTICO DO EMPREENDIMENTO

Já participou de algum encontro sobre este projeto? Sim* Não

*Se a resposta da questão anterior for **SIM**: Quantos encontros?

Tem interesse em participar do grupo? Sim Não

PARTE 1 – Questionário/Capital Social

1. PERFIL DOS ENTREVISTADOS

SEXO: Masculino Feminino

IDADE: Menos de 18 anos 18 a 25 anos
 26 a 35 anos 36 a 45 anos
 46 a 55 anos Mais de 55 anos

FILHOS: Nenhum 1 a 2
 3 a 4 6 a 8
 Mais de 8

SOBRE A MORADIA: Não tenho Casa própria
 Casa alugada Apartamento

SOBRE OS MORADORES: 1 a 2 3 a 4
 5 a 6 7 a 8
 9 a 10 Mais de 10

SOBRE A OCUPAÇÃO:

<input type="checkbox"/> Nenhuma	<input type="checkbox"/> Auxiliar de limpeza
<input type="checkbox"/> Dona(o) de casa	<input type="checkbox"/> Pesca
<input type="checkbox"/> Professora	<input type="checkbox"/> Pecuária
<input type="checkbox"/> Agricultor (a)	<input type="checkbox"/> Outros

*Se a resposta da questão anterior for **OUTROS**: Quais?

SOBRE AS HABILIDADES:

<input type="checkbox"/> Nenhum	<input type="checkbox"/> Criação de animais
<input type="checkbox"/> Plantio	<input type="checkbox"/> Arranjos de decoração
<input type="checkbox"/> Crochê	<input type="checkbox"/> Costura
<input type="checkbox"/> Doces e Salgados	<input type="checkbox"/> Outros

*Se a resposta da questão anterior for **OUTROS**: Quais?

Tem interesse de aprender ou desenvolver outra atividade:
Quais? _____

SOBRE A ESCOLARIDADE:

<input type="checkbox"/> Alfabetizado	<input type="checkbox"/> Não alfabetizado
<input type="checkbox"/> Fundamental incompleto	<input type="checkbox"/> Fundamental completo
<input type="checkbox"/> Médio completo	<input type="checkbox"/> Médio incompleto
<input type="checkbox"/> Superior completo	<input type="checkbox"/> Superior incompleto

PARTE 2 – Grupos e Redes

QUANTIDADE DE MEMBROS DA COPERATIVA/ASSOCIAÇÃO?

<input type="checkbox"/> 5 a 8	<input type="checkbox"/> 9 a 12
<input type="checkbox"/> 13 a 16	<input type="checkbox"/> 17 a 20
<input type="checkbox"/> 21 a 24	<input type="checkbox"/> Mais que 24

OS MEMBROS SE REUNEM COM FREQUENCIA?

<input type="checkbox"/> Sim*	<input type="checkbox"/> Não
-------------------------------	------------------------------

***SE A RESPOSTA DA QUESTÃO ANTERIOR FOR SIM, QUAL A FREQUÊNCIA?**

<input type="checkbox"/> Diariamente	<input type="checkbox"/> Semanalmente
<input type="checkbox"/> Quinzenalmente	<input type="checkbox"/> Mensalmente
<input type="checkbox"/> Não tem frequência	<input type="checkbox"/> Nunca

OS MEMBROS POSSUEM A MESMA OCUPAÇÃO? () Sim () Não

*Se a resposta da questão anterior for **OUTROS**: Quais?

HÁ INTERAÇÃO DA COOPERATIVA/ASSOCIAÇÃO COM OUTROS DA MESMA NATUREZA? () Não () Sim, de vez em quando
() Sim, com frequência

POSSUI AMIGOS DENTRO DA ASSOCIAÇÃO/COOPERATIVA? () Sim () Não
*SE A RESPOSTA DA QUESTÃO ANTERIOR FOR SIM, QUAL A QUANTIDADE?
() 2 a 4 () 5 a 7
() 8 a 10 () 10 a 12
() Mais de 12 () Todos

SE PRECISSASSE DE DINHEIRO ALGUÉM DO GRUPO LHE EMPRESTARIA? () Certamente () Provavelmente
() Não tenho certeza () Provavelmente não
() Certamente não

JÁ FOI REALIZADO ALGUM EMPRESTIMO? () Sim () Não

PARTE 3 – Confiança e Solidariedade

O QUE VOCÊ ACHA SOBRE CONFIAR NAS PESSOAS? () Pode-se confiar nas pessoas () Nunca é demais ter cuidado
() Não confio

A ASSOCIAÇÃO/COOPERATIVA QUE VOCÊ FAZ PARTE ESTÁ DISPOSTO A LHE AJUDAR CASO PRECISE? () Sim () Não

VOCÊ JÁ FOI AJUDADO PELA COOPERATIVA/ASSOCIAÇÃO? () Sim () Não

VOCÊ ACHA QUE ALGUÉM PODE TENTAR TIRAR VANTAGEM DE VOCÊ? () Não () Sim

PARTE 4 – AÇÃO COLETIVA E COOPERAÇÃO

NO ÚLTIMO ANO, VOCÊ OU ALGUÉM DA SUA CASA () Sim () Não

**PARTICIPOU DE ALGUMA
ATIVIDADE EM CONJUNTO
COM A
ASSOCIAÇÃO/COOPERATIVA?**

PARTE 5 – INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO

**QUAIS AS PRINCIPAIS FONTES
DE INFORMAÇÃO VOCÊ TEM
ACESSO?**

<input type="checkbox"/> Pais, parentes, amigos e vizinhos.	<input type="checkbox"/> Locais de compra.
<input type="checkbox"/> Jornal.	<input type="checkbox"/> <i>Internet</i> .
<input type="checkbox"/> Rádio.	<input type="checkbox"/> Televisão.
<input type="checkbox"/> Associação ou cooperativa.	<input type="checkbox"/> Colegas de trabalho.
<input type="checkbox"/> ONGs.	<input type="checkbox"/> Prefeito.
	<input type="checkbox"/> Vereadores.

PARTE 6 – COESÃO E INCLUSÃO SOCIAL.

**AS PESSOAS COM QUEM
TRABALHA SÃO MUITO
DIFERENTES DE VOCÊ?**

<input type="checkbox"/> Pouco diferentes.	<input type="checkbox"/> Muito diferentes.
<input type="checkbox"/> São iguais.	<input type="checkbox"/> Extremamente.

**DIFERENÇAS PODEM CAUSAR
PROBLEMAS EM UM
TRABALHO EM EQUIPE?**

<input type="checkbox"/> Sim.	<input type="checkbox"/> Não.
-------------------------------	-------------------------------

**PARA VOCÊ: QUAIS
DIFERENÇAS CAUSAM MAIS
PROBLEMAS?**

<input type="checkbox"/> Educação.	<input type="checkbox"/> Terrenos.
<input type="checkbox"/> Dinheiro.	<input type="checkbox"/> Condição social.
<input type="checkbox"/> Sexo.	<input type="checkbox"/> Partido político.
<input type="checkbox"/> Religião.	<input type="checkbox"/> Cor e cultura.
<input type="checkbox"/> Jovens e Idosos.	<input type="checkbox"/> Moradores novos e antigos.
	<input type="checkbox"/> Outros.

**AINDA COM ESSAS
DIFERENÇAS, VOCÊ ACREDITA
QUE POSSA EXISTIR
TRABALHO EM EQUIPE?**

<input type="checkbox"/> Sim.	<input type="checkbox"/> Não.
-------------------------------	-------------------------------

**NO ÚLTIMO MÊS, VOCÊ SE
REUNIU COM SEUS AMIGOS DA
COOPERATIVA OU A
ASSOCIAÇÃO PARA COMER OU
BEBER EM CASA, OU EM
LUGAR PÚBLICO?**

<input type="checkbox"/> Nenhuma vez.	<input type="checkbox"/> De uma a três.
<input type="checkbox"/> De quatro a seis.	<input type="checkbox"/> Mais de seis vezes.
	<input type="checkbox"/> Perdi as contas.

**DENTRE OS MEMBROS DO
GRUPO, VOCÊ ACHA QUE TEM**

<input type="checkbox"/> Sim.	<input type="checkbox"/> Não.
-------------------------------	-------------------------------

**PESSOAS COM CONDIÇÕES
MELHORES QUE A SUA?**

PARTE 7 – AUTORIDADE.

**VOCÊ SE SENTE A VONTADE
PARA SUGERIR/TOMAR
DECISÕES NA
COOPERATIVA/ASSOCIAÇÃO?**

() Sim.

() Não.

() Nada a declarar.

LOCALIDADE:

ENTREVISTADORES:
